

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

EDNALDO MOREIRA SILVA
Etnia: Xakriabá – Aldeia: Sumaré I

ANDANÇAS PELO TERRITÓRIO XAKRIABÁ:
Os modos de antigamente e de hoje

Aldeia Sumaré I – Território Xakriabá (MG)
Belo Horizonte (MG)
Outubro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

EDNALDO MOREIRA SILVA
Etnia: Xakriabá – Aldeia: Sumaré I

ANDANÇAS PELO TERRITÓRIO XAKRIABÁ:
Os modos de antigamente e de hoje

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG), para fins de conclusão de curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ilaine da Silva Campos
Coorientadora: Profa. Ma. Raquel Monteiro Pires de Lima

Aldeia Sumaré I – Território Xakriabá (MG)

Belo Horizonte (MG)

Outubro de 2022

Percurso acadêmico, Trabalho de conclusão de Curso, intitulado *ANDANÇAS PELO TERRITÓRIO XAKRIABÁ: Os modos de antigamente e de hoje*, de autoria de Ednaldo Moreira Silva, apresentado em 18 de outubro de 2022 e avaliado pela banca constituída pelos seguintes integrantes:

Ilaine da Silva Campos (Orientadora)
Profa. da FaE – UFMG

Profa. Ma. Raquel Monteiro Pires de Lima (Coorientadora)
Doutoranda em Educação – FaE-UFMG/ Bolsista PIFD

Belarmino Gomes Leite
Liderança Indígena Xakriabá – Aldeia Sumaré I

Maria Gorete Neto
Profa. da FaE – UFMG

Dedico a minha pesquisa a todo meu território Xakriabá, à minha família, minha esposa, aos entrevistados, aos caciques e às lideranças, aos meus amigos e colegas, à Escola Estadual Indígena Bukinuk da minha aldeia na qual eu estudei, enfim, dedico esse trabalho ao meu povo em geral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que tens me proporcionado, pela saúde pela vida, por tudo que tenho conquistado.

Agradeço meus pais, esposa e irmãos, pelo apoio, pela força e pela motivação.

Aos caciques e lideranças eu tenho muito a falar, depositou suas confianças para eu poder representar, a cultura do meu povo e novos conhecimentos para o nosso território poder levar.

Agradeço aos entrevistados, que com seus relatos e memórias meu trabalho veio a contribuir, sem essas participações tão importantes não tinha como meu trabalho se expandir.

Agradeço aos professores e todos os bolsistas do FIEI, pelos vários aprendizados e por tudo de bom que na UFMG eu passei. Desde as aulas no FIEI até a pandemia nos ter afastado, mas graças as aulas de vídeos chamadas nos mantinham sempre conectados.

As minhas orientadoras Ilaine Campos e a Raquel Monteiro, elas sim capricharam, exerceram muito bem esse papel. Foram bem dedicadas elas eu tenho muito agradecer, sem essas orientações esse trabalho também não poderia fazer.

Orientadora: Ilaine Campos

Coorientadora: Raquel Monteiro

Aos meus colegas de turma porque com eles foi muito bom poder conviver, conhecer novas amizades, deles nunca vou me esquecer. Sem falar dos conhecimentos tanto dos Xakriabá, Pataxós e Pataxó Hã Hã Hãe várias trocas de experiências conseguimos fazer. Aos colegas no geral, agradeço por todo carinho e recepção, para mim todos eles foram como irmãos. À família Xakriabá agradeço de coração por me ajudar nos momentos difíceis, eles sempre me estenderam as mãos, principalmente aos colegas de quartos tenho muita consideração.

RESUMO

Neste percurso acadêmico, resolvi falar sobre os meios de transportes de antigamente dentro do nosso território Xakriabá e suas mudanças ao decorrer do tempo. Para ir além da minha vivência sobre este tema e para conseguir outras informações eu pensei e repensei em várias formas e possibilidades. Escolhi realizar entrevistas com pessoas da minha aldeia Sumaré I, pessoas anciãs. Foram entrevistados 3 moradores de Sumaré I: Domingos (meu pai), Sr. Francisco e Sr. Zé de Olímpio. Ampliei a possibilidade para conhecer mais sobre o tema e entrevistei Naldin Marcos da aldeia Prata, uma pessoa mais jovem e que conhece muitas histórias. Em suas falas, cada entrevistado faz relatos muitos interessantes de experiências de vida e até mesmo recontando histórias que seus parentes contavam sobre o modo do povo Xakriabá se locomover há muito tempo. Diante desses relatos e histórias diferentes, mas com as mesmas visões e experiências, eu consegui não só conhecer, como também juntar informações neste trabalho de pesquisa. Os relatos dados pelos entrevistados podem servir como um material de muita importância para o conhecimento do modo como nosso povo tanto recorreu ao uso de transportes por questões de saúde, trabalho, alimentação, entre outros, quanto para conhecer suas mudanças ao decorrer do tempo. Para além dos meios de transporte, os entrevistados nos levam a entender sobre o histórico das estradas, a necessidades da construção e seus usos pelo povo Xakriabá.

PALAVRAS-CHAVE: Meios de transporte. Locomoção. Educação Indígena. Povo Xakriabá. Narrativas.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
FIEI	Formação Intercultural para Educadores Indígenas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
FAE	Faculdade de Educação
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
CVN	Ciências da Vida e da Natureza
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do território Xakriabá – MG	12
Figura 2	Entrada da aldeia Sumaré I	13
Figura 3	Estrada que liga a aldeia Prata à cidade de São João das Missões	14
Figura 4	Eu e meu avô Miguel	16
Figura 5	Carro após acidente	18
Figura 6	Centro da Aldeia Sumaré I visto de cima	19
Figura 7	Casa de Cultura – Aldeia Sumaré I	19
Figura 8	Dificuldade no deslocamento dos professores FIEI no território Xakriabá	22
Figura 9	Dificuldade no deslocamento dos professores FIEI no território Xakriabá.....	22
Figura 10	Estrada que liga as aldeias Caatinginha, Embaúba e Riachinho	26
Figura 11	Estrada de acesso a aldeia Carafbas	26
Figura 12	Estrada que liga aldeia Sumaré I a aldeia Vagem	27
Figura 13	Carro da saúde indígena atolado em estrada no território	27
Figura 14	Poeira em estrada no período de seca	28
Figura 15	Carro de boi na aldeia Sumaré I	29
Figura 16	Obras nas estradas de terra para melhoria de acesso	31
Figura 17	Obras nas estradas de terra para melhoria de acesso	31
Figura 18	Domingos Ferreira Silva (meu pai)	34
Figura 19	Sr. Francisco Fernandes Alkimim	39
Figura 20	Sr. Zé Olímpio	43
Figura 21	Aldemir Marcos de Almeida Mota (Naldin)	46
Figura 22	Mapa do território Xakriabá	59

LISTA DE VÍDEO

Vídeo 1: Uso do carro de boi no território Xakriabá	30
--	----

SUMÁRIO

1 UM POUCO SOBRE O TERRITÓRIO XAKRIABÁ E AS CONDIÇÕES DE SE LOCOMOVER	10
2 INTRODUÇÃO	16
3 ANDAR PELO TERRITÓRIO XAKRIABÁ	25
4 METODOLOGIA	32
5 ENTREVISTAS	34
5.1 Entrevista com Domingos Ferreira Silva	34
5.1.1 O que fazia quando precisava ir às cidades antigamente?.....	34
5.1.2 Transportando as pessoas para a cidade	35
5.1.3 Período como motorista de ambulância	36
5.1.4 Meios de transportes e suas mudanças	37
5.1.5 Início das estradas	38
5.2 Entrevista com Francisco Fernandes Alkimim	39
5.2.1 Relação com o tema da pesquisa	39
5.2.2 Os meios de transporte antigamente e as primeiras estradas	39
5.2.3 Transporte das pessoas doentes	41
5.2.4 As mudanças nos meios de transporte e os impactos na vida do povo Xakriabá	42
5.3 Entrevista com o Sr. Zé Olímpio	43
5.3.1 Sobre um acidente	43
5.3.2 Dos transportes usados antigamente aos transportes de hoje em dia....	44
5.4 Entrevista com Ademir Marcos de Almeida Mota	46
5.4.1 Transporte e Educação Indígena no território Xakriabá	46
5.4.2 Transporte e Esporte no território Xakriabá	48
5.4.3 Transporte e Saúde no território Xakriabá.....	49
6 SOBRE AS ENTREVISTAS E AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
<i>PARA NÃO FINALIZAR ...</i>	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE	59

1 UM POUCO SOBRE O TERRITÓRIO XAKRIABÁ E AS CONDIÇÕES DE SE LOCOMOVER

Ednaldo Moreira Silva

O meu povo indígena Xakriabá está localizado no Norte de Minas Gerais, para quem quiser nos conhecer, garanto que nunca nos esquecerá jamais. Fazemos parte do município de São João das Missões mas, também, devemos lembrar que o Território Xakriabá está localizado no meio de outras regiões.

As cidades vizinhas são Januária, Manga, Miravânia e Itacarambi, tenho certeza de que todas elas já ouviram falar do povo simples que habita aqui.

O povo Xakriabá depende muito dessas regiões, principalmente para cuidar da saúde, fazer compras, para se alimentar ou para fazer suas construções.

São diversos outros motivos que eu poderia citar mas, se caso faço isso, de outras coisas mais importante esquecerei de falar.

O nosso território tem aproximadamente 36 aldeias, andar por todas elas no mesmo dia creio que você não queira, não é tão fácil assim, pelo fato de o território ser um pouco grande, várias aldeias serem distantes e principalmente pelas estradas serem muito ruins.

As estradas do nosso território variam muito de acordo com o período do ano, se for nos períodos chuvosos, as estradas acabam piorando.

É muito comum de se notar, quando tem muita água e lama os carros são mais fáceis de se atolar e as motos escorregar.

Por aqui é normal ver as pessoas de moto andar, pelo o fato delas terem uma agilidade melhor para estradas ruins e os carreiros que têm existe em quase todo o Território Xakriabá.

Dos carreiros aqui nos Xakriabá, um pouco vou falar, eles tornam os lugares mais próximos, para alguém poder passar. Em todo o território tem um carreiro diferente,

tem aqueles de pouco acesso e aqueles de acesso frequente.

Devido às condições de se locomover antigamente, os carreiros já foram muitos mais importantes;

Hoje em dia existem vários carreiros, mas muitos deles já interditados, devido às grotas causadas pelas chuvas e pelas cercas que deram lugar aos cercados, devidos suas condições já não são mais adequados.

Os que ainda são usados, facilitam nossa locomoção, mas quem consegue passar são motos, animais como o cavalo ou apenas de pés no chão, devido serem estreitos, impossibilita de passar carros ou caminhão.

Não que eu esteja exagerando, então também devo falar, devido ao território ser um pouco amplo, também tem as estradas boas para passar, um buraco aqui, outro ali, mas em seu destino você consegue chegar.

As estradas já foram bem piores, o motivo eu vou te dizer, pois os transportes mais usados eram os animais como o cavalo, jegue, carro de boi ou a bicicleta, aqueles que tinha mais condições de ter.

Antes dos tratores aqui nas aldeias chegar, as estradas eram feitas nos braços, as ferramentas usadas eram as que agora eu vou citar, eram usados enxadões, enxadas e os machados para as árvores poder cortar. Esse trabalho não era tão simples de ser feito, mas somos povo Xakriabá, um povo indígena batalhador, principalmente os anciões, que eu tenho muito carinho e orgulho no peito.

Com o passar dos anos muitas coisas foram mudando, mudou os meios de transportes que as pessoas vêm usando. Se antes uma viagem em um lugar próximo era muito demorada para chegar, hoje em questão de minutos, com um carro ou uma moto, as pessoas conseguem chegar. Houve várias mudanças no nosso modo de vida, tem aquelas que foram boas, mas também tem várias negativas, uma delas foi alguns acidentes que do povo Xakriabá já tirou muitas vidas.

Esse mapa abaixo é do território Xakriabá, já vai me desculpendo por ele não está muito bom para poder enxergar,



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa.

Falando em se locomover, não tem como deixar de falar das várias dificuldades que passamos aqui, no período da seca, no nosso Território Indígena Xakriabá.

No período da seca, nosso território muda drasticamente, muda não só a aparência das matas, mas das estradas principalmente.

Em vários trechos do território fica complicado de se locomover, as poeiras embasam nossas visões, e isso ocorre em quase todas as regiões já deixo claro pra você. Fica muito difícil de enxergar, os impactos são imprevistos, muitas vezes não tem como evitar, esse é um dos vários motivos que acontece alguns acidentes no Território Xakriabá.

A seca todos já sabem, é um período mais difícil, no caso das estradas, eu vou tentar falar com mais capricho. O período da seca varia muito de acordo de ano para ano, mas é principalmente no final de abril que esse período vem começando, devido às diminuições das chuvas que nosso território vem passando. Iniciando no final de abril, vai até no mês de setembro/outubro,

e é no mês de novembro que as chuvas vêm aparecendo.

Figura 3: Estrada que liga a aldeia Prata à cidade de São João das Missões



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante a realização da pesquisa.

Sobre se locomover no território, um pouco agora eu vou falar, das várias situações que vivemos aqui de acordo com as estradas que temos que passar. Os tipos de estradas variam muito, depende das suas localidades, têm estradas que ficam completas de poeiras, grotas e areias, dificultando nosso povo se locomover, para resolver nossas necessidades dentro do território ou até mesmo nas cidades.

A poeira, infelizmente, é um dos problemas mais comum que temos que passar, são vários os fatores que ela pode causar.

Aumenta os riscos de acidentes nas estradas Xakriabá, aumenta os acidentes, os motivos eu vou dizer, ela esconde os buracos que é comum as estradas ter.

Não esconde apenas os buracos, disso eu tenho certeza e esses são resultados de mudanças do tempo na natureza.

Aumenta também a dificuldade de um motorista poder enxergar, dessa forma ele acaba passando em qualquer lugar.

E infelizmente é por esse motivo que mais acontece os acidentes envolvendo carros e motos no Território Xakriabá.

A poeira também esconde os animais nas estradas, tanto no período do dia, da noite ou madrugada.

Desses animais, muitos são os burros ou os cavalos, um fato muito interessante é que esses animais serviram de meios de locomoção do nosso povo principalmente no passado.

Uma outra dificuldade é o aumento da areia naqueles trechos arenosos, com o seu aumento excessivo, esse acaba sendo um dos motivos que deixa os motoristas um pouco mais nervosos.

Ficando mais nervosos com isso você já pode imaginar, dessa forma fica mais fácil na areia atolar.

O meu trabalho de TCC pode ir muito além do que você possa imaginar, pois, é claro, não é sempre que você tem a oportunidade de ver um trabalho como esse que está relatando sobre as andanças pelo território Xakriabá.

Eu trago esses pequenos versos apenas para uma pequena introdução, e agora eu deixo com você, faça a leitura desse trabalho e tire sua própria conclusão, já garanto que você não vai se arrepender não.

Não vai se arrepender, alguns dos motivos vou te falar, vai até o fim desse trabalho, ao decorrer da leitura com coisas interessantes você vai ser deparar.

2 INTRODUÇÃO

Sou Ednaldo Moreira Silva, nasci no dia 01 de novembro de 1998, na cidade de Manga (MG), moro na aldeia Sumaré I, município de São João das Missões (MG) e sou indígena da etnia Xakriabá, com muito orgulho. Meus pais são Domingos Ferreira da Silva e Joana Batista Moreira Silva. Somos 8 irmãos, cujos nomes escrevo em ordem decrescente de idade: Valdineia, Ailton, Darlei, Vanderlei, Edneia, eu (Ednaldo), Edney e Lucas (o caçula). Sou moreno de olhos castanhos, cabelos pretos lisos, tenho 1,75 m de altura e aproximadamente 66 kg. Casei-me em janeiro de 2022, minha esposa se chama Melissa Rodrigues e, desde o início, ela esteve sempre me ajudando e apoiando.

Desde meus 12 anos, eu me recordo do tempo que comecei a ajudar meu avô em seus trabalhos diários. Com ele, aprendi várias lições de vida. Ele me ensinou praticamente tudo aquilo que sabia. Com ele, aprendi tanto a roçar um pasto como a fazer a limpa de uma plantação de milho e feijão. Isso não apenas com ele, mas também com o meu pai e irmãos. Também, trabalhei muito como ajudante de pedreiro. E, desde o ano de 2015, eu trabalho como barbeiro aqui na minha aldeia, trabalho que gosto muito de fazer e que vem me ajudando muito financeiramente.

Figura 4: Eu e meu avô Miguel



Fonte: Acervo de minha família.

No final de outubro de 2021, tive a oportunidade de trabalhar como Coordenador do Tempo Integral da sede da escola Bukinuk, na aldeia Sumaré I, dando suporte a 24 professores de 6 aldeias. Foram apenas 2 meses de trabalho, mas nesse curto tempo, busquei me dedicar bastante. Atualmente, neste ano de 2022, desde abril, estou também trabalhando como professor da Educação Infantil com crianças de 4 e 5 anos. E, graças a Deus, cada vez mais, venho tendo mais oportunidades dentro da minha aldeia.

O FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) é muito importante para a educação indígena, pois nos capacita para que sejamos educadores excelentes em nossos territórios. Essa faculdade, por sua vez, nos ensina a ensinar da melhor maneira possível, estudo que é relacionado a nossa própria cultura indígena, respeitando e valorizando nossas tradições. Antes do FIEI, eu não tinha conhecimento nenhum de como atuar dentro de uma sala de aula, ficava apenas imaginando como poderia ser. Através dos ensinamentos dos professores do FIEI, eu passei a ter conhecimento para aprender e para ensinar. Atualmente, trabalhando como professor da Educação Infantil, percebo o quanto o FIEI está sendo e vai ser importante em minha formação como educador indígena.

Somos de uma família simples e humilde, graças a Deus nossos pais nunca nos deixaram passar necessidades. Minha mãe é dona de casa e meu pai é lavrador e dono de uma pequena mercearia aqui na aldeia. Ele também já trabalhou como motorista de ambulância e como motorista de caminhão. Desde pequeno, sempre gostei de andar com meu pai; quando podia eu sempre gostava de sair para passear ou fazer algumas entregas com ele, principalmente quando ele ia fazer as entregas das merendas nas escolas. Com isso, andava por quase todo o nosso território conhecendo melhor as aldeias, seus trajetos e as condições das estradas. Além de estar me divertindo, estava também ajudando ele a fazer as entregas.

Sempre gostei muito de me divertir com meus primos e amigos, gostava muito e ainda gosto de andar de bicicleta. Como muitas crianças e jovens, sempre tive a vontade de ter um carro ou uma moto, aprendi a andar na moto do meu pai com aproximadamente uns 11 a 12 anos de idade. Depois que aprendi a andar, a vontade de ter a minha moto própria aumentou ainda mais. Os anos foram se passando e aumentou a necessidade de ter uma moto para poder fazer um passeio, ir em outras aldeias, nos eventos e festas. O fato de, naquela época, a minha namorada, hoje minha esposa, morar a aproximadamente 40 km longe da minha aldeia, fez com que o meu desejo de ter a minha própria moto fosse ainda maior. Por fim, no final do ano de 2016, com meu próprio suor, consegui comprar minha primeira moto.

Em relação aos transportes, carrego comigo também uma lembrança muito marcante, de um passeio que estávamos fazendo com destino a uma cachoeira próxima daqui. Eu e mais quatro colegas, acabamos sofrendo um acidente muito feio de carro. Pelo estado que ficou o carro depois do acidente, dificilmente alguém conseguiria acreditar que todos nós que estávamos dentro do carro conseguimos sair apenas com ferimentos leves, foi um milagre graças a proteção de Deus.

Figura 5: Carro após acidente



Fonte: Do autor, 24 de abril de 2016. Fotografia tirada logo após o acidente.

Os transportes no território Xakriabá estão mudando cada vez mais. Antigamente andávamos a pé, de carro de boi ou em cima de alguns animais, as viagens eram longas e o cansaço grande, mas como dizem os mais velhos “aquele tempo era bom demais”. São essas histórias que quero trazer em meu trabalho, para podermos conhecer e não esquecer jamais, para assim ficar registrado para as futuras gerações conhecerem o modo de vida de muitos anos atrás.

Minha aldeia é praticamente uma vilinha, moram aproximadamente 148 famílias. Aqui onde moro é considerado o centro da aldeia, onde uma boa parte das ruas são de calçamento e fica próximo à casa de cultura (ponto onde conseguimos fazer nossas apresentações, noites culturais, reuniões, entre outros). Também, próximo ao centro, tem a escola Indígena Bukinuk

(escola sede), a igreja católica e o posto de saúde. Mas, ainda tem muito o que melhorar, para termos uma aldeia mais bonita e organizada.

Figura 6: Centro da Aldeia Sumaré I visto de cima



Fonte: Jornal O Norte Montes Claros, 27/02/2020²

Figura 7: Casa de Cultura – Aldeia Sumaré I



Fonte: Instagram de Edgar Kanayko, 15 de outubro de 2021³.

² Disponível em <https://onorte.net/variedades/com-um-pe-na-aldeia-e-outro-no-mundo-1.775219> Acesso em 12/09/2022

³ Disponível em < <https://www.instagram.com/edgarkanayko/?hl=pt-br> > Acesso em 12/09/2022

Iniciei meus estudos após completar 7 anos de idade, aqui mesmo na escola da minha aldeia, na Escola Estadual Indígena Bukinuk, onde estudei todos os anos e me formei no final do ano de 2017. Minha formatura foi na aldeia Prata. Nesse mesmo ano, eu fiz também um curso básico de assistente de eletricista pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Não imaginava que iria dar continuidade aos estudos, mas graças aos conselhos dos meus irmãos e alguns outros familiares, decidi fazer a inscrição para a prova da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), no ano de 2018, no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na habilitação em Matemática. Resolvi fazer a prova também porque era na área de Matemática que sempre gostei de estudar. Graças a Deus, alguns dias depois de ter feito a prova, recebi a notícia que havia conseguido passar, foi uma alegria muito grande.

No segundo semestre de 2018, no final do mês de agosto, fui pela primeira vez para a UFMG, foi uma coisa muito nova, muito interessante, mas também eu já tinha um pouco de conhecimento de como eram as coisas na universidade, pelo fato das minhas irmãs (Edneia e Valdineia) já terem estudado no FIEI. Desde o primeiro dia que chegamos, ficamos hospedados no Hotel L'espace.

Durante os módulos em Belo Horizonte, os estudantes das diversas turmas por conta própria definem a melhor forma para fazer a viagem para o estudo na capital. Nós, estudantes do povo Xakriabá, nos organizamos de maneira coletiva: sempre antes dos módulos nós nos reunimos para decidir tanto sobre os meios de transporte da aldeia até a cidade como do hotel até o campus da UFMG. Nosso local de encontro para partir para BH normalmente é na cidade de São João das Missões e a forma de locomoção dos estudantes até esse ponto de encontro varia muito. Alguns vão de moto, outros de carro próprio ou de algum familiar, algumas vezes também há escolas que disponibilizam o ônibus para passar nas aldeias onde há estudantes e assim levar para São João das Missões.

Em São João das Missões onde nós nos reunimos para fazer a viagem, no ponto de encontro fica um ônibus que fretamos para viajarmos de uma formar mais unida, cada um contribui com sua parte e, por ser um frete, a passagem acaba ficando ainda por um melhor preço, mais econômico. Muitas das vezes, esse mesmo ônibus que fretamos para ir da aldeia para a cidade é da mesma empresa que fretamos para ir do hotel até a universidade. Essa foi uma das melhores soluções encontradas para fazermos um transporte com mais segurança e de

uma forma mais unida e para evitarmos problemas diversos, porque não é tão fácil andar dentro de uma cidade tão grande como Belo Horizonte.

Durante os Intermódulos nas aldeias Xakriabá, os meios de locomoção também variam muito, há várias formas utilizadas pelos estudantes, o principal veículo utilizado são as motocicletas, poucos vão de carro e dependendo da localidade muitas pessoas da aldeia vão a pé. Os Intermódulos são sempre bem planejados, escolhem sempre o local que tem mais estudantes ou que divide as distâncias entre os estudantes e que tenha um bom espaço disponível.

Nos Intermódulos, já são os professores da UFMG que saem de suas localidades para os territórios e, da mesma forma que encontramos dificuldades lá, em Belo Horizonte, eles também encontram algumas dificuldades aqui. Já aconteceu de o transporte utilizado por eles atolar na lama. Já aconteceu também de ficarem perdidos e atrasarem para chegar ao local do Intermódulo, pois nosso território é muito grande com várias estradas e carreiros sem sinalização, dessa forma até mesmo o povo do nosso território fica perdido em alguns trechos. A professora Vanessa Tomaz nos relatou de uma ida dos professores do FIEI, em 2011, para o território Xakriabá que vou tentar explicar.

Nas primeiras vezes em que os professores do FIEI foram em nossos territórios, principalmente nas aldeias Xakriabá, os professores tiveram a experiência de passar por momentos memoráveis no trajeto da cidade até a aldeia. A professora Vanessa Tomaz relatou que era um período chuvoso e que devido à falta de experiência do motorista, ao fato do veículo não ser apropriado e principalmente às condições em que se encontravam as estradas, o veículo que os professores utilizavam acabou atolando, e só depois de muito tempo de espera, com ajuda de um trator, que conseguiram sair daquela situação. Ela nos relatou que foi uma experiência de aprendizagem, pois favoreceu pensar novas formas de planejamento para a ida dos professores aos territórios e também os veículos que deveriam ser utilizados por eles.

Figura 8 e 9: Dificuldade no deslocamento dos professores FIEI no território Xakriabá



Fonte: Fotos cedidas pela professora Vanessa Sena Tomaz.

Voltando a falar das nossas viagens a Belo Horizonte, quando chegamos, sempre fomos bem recebidos, principalmente pelos professores. Sempre, em um dia em cada semana, fazíamos um ritual na FAE (Faculdade de Educação). Na primeira semana, na segunda-feira. Depois na sequência, na terça, quarta, quinta e, por fim, o ritual de despedida, na quinta e última semana, na sexta-feira. No hotel, sempre fazemos o ensaio dos rituais.

Ao chegar na UFMG, ganhei praticamente mais uma família, a união do nosso povo Xakriabá era muito grande. Sempre que alguém precisava de algo, todos estavam ali para tentar ajudar e resolver da melhor maneira possível, era um ajudando o outro. Na última vez que fomos a Belo Horizonte antes da pandemia, por exemplo, acabei me machucando na quadra do hotel e ficando doente por alguns dias, todos ali estavam à disposição para me ajudar, não só os Xakriabá, como também os Pataxó, que também foi um povo que gostei muito de conhecer e por eles também tenho muito respeito.

Na UFMG, tive a oportunidade de conhecer várias pessoas que nem imaginava que poderia conhecer um dia. Dos nossos professores e bolsistas, só tenho coisas boas para falar, eles estavam ali sempre presentes tentando nos ajudar da melhor maneira possível. Em um dos módulos, também graças aos nossos professores, no ano de 2019, nossa turma teve a oportunidade de ir conhecer a cidade de Ouro Preto (MG). Foi um passeio muito rico, conhecemos os lugares mais bonitos e também a universidade de lá, a UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Na UFOP, falamos do nosso curso, dos nossos territórios e das nossas culturas para os professores e estudantes da Educação Matemática de lá. Foi uma troca de

experiência muito interessante.

A UFMG sem dúvida é uma das melhores do Brasil, tem uma recepção muito boa, estudos de qualidade, defende as causas indígenas e nos atende da melhor maneira possível. Infelizmente, devido a pandemia da Covid-19, desde o primeiro semestre de 2020 até o início de 2022, ficamos impossibilitados de ir a Belo Horizonte. O estudo remoto não é do mesmo jeito de estarmos todos reunidos em sala de aula ou em trabalho de campo, estudando e conhecendo coisas diferentes, mas essa foi a melhor solução encontrada. É difícil não sentir saudades da nossa turma, dos professores, do jardim Mandala, enfim, da universidade em geral.

O FIEI, mais uma vez, esteve sempre nos ajudando, tanto antes da pandemia como durante a pandemia. Como já falei, o FIEI sempre foi bem receptivo, sempre nos favoreceu e nesse momento de pandemia não foi diferente, tivemos todo suporte e apoio possível. Mesmo diante das dificuldades encontradas, todo o pessoal que faz parte estava aqui analisando as melhores medidas a serem tomadas. Como não podíamos ir para a UFMG, a UFMG veio até nós, em forma virtual, foi diferente, mas tudo ocorreu bem. Além de estar a todo tempo nos orientando sobre todos os cuidados que deveriam ser tomados diante da COVID-19.⁴

Durante a pandemia tudo, com certeza, ficou muito mais difícil, tanto no nosso dia a dia na comunidade, como também nos estudos na UFMG. As orientações e aulas do curso que eram presenciais, no período da pandemia passaram a acontecer virtualmente, foi uma experiência nova e desafiadora. Devido às condições de internet em nosso território, muitas vezes não conseguíamos acompanhar uma aula perfeitamente, internet cai e volta, perdendo assim algumas partes das aulas e com as orientações do percurso não foi diferente. Por outro lado, essa forma virtual foi a melhor solução encontrada, tiveram os pontos negativos, mas também os positivos como o auxílio internet da UFMG. Com esse auxílio, muitos estudantes passaram a ter um melhor acesso à internet. Dessa forma ficou mais seguro, pois todos estavam participando das aulas em suas casas, na comunidade.

A produção do percurso, também ficou um pouco mais difícil, pois muitos dos nossos entrevistados são idosos e nesse tempo de pandemia não era viável ir à casa deles para conversar

⁴ Somente no segundo semestre 2022 (ano em que estamos concluindo o curso), voltamos a ter atividades presenciais na UFMG, mas ainda com dificuldades de participação de toda a turma nas atividades presenciais em Belo Horizonte. Primeiro, começamos com as atividades no território no primeiro semestre de 2021, com duas idas das equipes de professores e bolsistas aos territórios.

devido ao risco de levar esse vírus para eles. Esse foi um dos vários desafios que tivemos que passar. Diante disso, uns dos métodos de entrevista que algumas pessoas passaram a usar foi via *WhatsApp* que, por sua vez, ajudou muito. As entrevistas poderiam ser marcadas por mensagens ou até mesmo as entrevistas poderiam ser através dos áudios deste aplicativo, mas não são todos que fazem o uso deste aplicativo, principalmente as pessoas mais velhas do nosso território.

No início, eu tinha pensado em falar sobre outro tema, mas ao conversar com os mais velhos, vi a necessidade de fazer a minha pesquisa de percurso relacionada aos meios e modos de se locomover do meu povo Xakriabá. A minha justificativa por optar por esse tema é a necessidade que eu vi de falar sobre os meios de transportes que eram usados pelos mais velhos e que ainda são usados no nosso território atualmente.

A partir da escolha do tema de pesquisa - os meios de transporte no território Xakriabá - defini que o objetivo da pesquisa seria apresentar os meios e os modos de se locomover do meu povo antigamente até os dias de hoje, e discutir os usos dos transportes para atender às necessidades de locomoção das pessoas no território. Mas, não ficou só nisso, a pesquisa me levou a falar das estradas e das histórias que envolvem as estradas no território Xakriabá. Não tem como falar de uma coisa sem falar da outra.

Os meios de transportes são muitos importantes para nós no nosso dia a dia, pois nosso território tem aproximadamente 36 aldeias espalhadas e andar por ele as vezes não é tão fácil devido às condições das estradas. Diante disso, a vontade e interesse de falar sobre esse tema foi muito grande e contei com a ajuda que tive dos nossos mais velhos e de outras pessoas do território para conseguir ter as informações necessárias para desenvolver o percurso. Além disso, observo que os transportes veem mudando cada vez mais, hoje em dia é muito comum ver veículos automotores andando para lá e para cá no nosso território. Nós conhecemos os veículos de hoje, mas também temos que pesquisar e registrar como era a vida antigamente dos nossos mais velhos em relação ao uso dos transportes e suas mudanças ao longo do tempo.

3 ANDAR PELO TERRITÓRIO XAKRIABÁ

Muitos percursos defendidos no FIEI apresentam o nosso Território Indígena Xakriabá, como os de Oliveira (2018), Silva (2018), Sousa (2018), Cruz (2018) e Alkimim e Santos (2019). Estamos localizados no município de São João das Missões, em Minas Gerais, onde temos aproximadamente 36 aldeias espalhadas em todo o território. O Território Xakriabá se encontra em uma região do cerrado brasileiro marcada por um longo período de seca. Por isso, o calendário do povo Xakriabá é dividido em dois tempos: o tempo da seca, de abril até outubro, e o tempo das águas, de outubro até março. As condições das estradas também dependem desses dois tempos e são condições de uso bem diferentes se compararmos o tempo da seca com o tempo das águas.

Diante da extensão do nosso território, dependemos muito das estradas para nos deslocarmos entre as aldeias e para ir às cidades próximas, como: Itacarambi, Januária, Manga, Miravânia e São João das Missões. Quem vive aqui sabe como é se locomover, tem o conhecimento que nem sempre é fácil ir de uma aldeia para outra. Com isso, venho aqui falar e mostrar um pouco de como é o acesso das estradas aqui dentro do nosso território. Para você que não conhece o território e deseja um dia conhecer, já vou logo avisando que o primeiro passo a ser pensado é qual meio de transporte você vai usar.

As estradas em sua maior parte são muito precárias, são poucos lugares que um carro consegue se locomover de um lugar ao outro com facilidade. No caminho, você poderá encontrar vários buracos/grotas, terrenos arenosos, estradas estreitas, entre outros. Mas não se assuste, o nosso território tem muitas coisas boas que quem não conhece deve conhecer. Em alguns lugares, as estradas são um pouco melhores, mas tem muito ainda o que melhorar para facilitar nossa locomoção no território. Atualmente, o meio de transporte mais usado aqui são as motocicletas que têm uma agilidade melhor para passar por essas estradas.

No TEMPO DAS ÁGUAS. Todos no território sabem que nos períodos de chuvas as estradas acabam se desfazendo, a força da água acaba fazendo várias grotas e, em vários lugares, formam poças de água e lama. Em dias de chuva, com o volume maior de água, as enxurradas tomam conta das estradas, impossibilitando a passagem durante algum tempo no local, as estradas ficam escorregando, aumentando o risco de acidentes.

Figura 10: Estrada que liga as aldeias Caatinguinha, Embaúba e Riachinho



Fonte: Foto cedida por Hugo Coutinho Mota

Figura 11: Estrada de acesso a aldeia Caraíbas



Fonte: Do autor, dez. 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa

Figura 12: Estrada que liga aldeia Sumaré I a aldeia Vargem



Fonte: Do autor, dez. 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa.

Figura 13: Carro da saúde indígena atolado em estrada no território



Fonte: Instagram de @matiexakriaba, 27 de dezembro de 2021.⁵

⁵ Disponível em < <https://www.instagram.com/matiexakriaba/> > Acesso em 12/09/2022

No TEMPO DA SECA. As estradas são bem melhores que nos períodos chuvosos. Porém, a poeira é o que dificulta um pouco também. Com o passar dos dias, no período da seca, cada vez mais, as estradas vão fazendo poeira e isso acaba atrapalhando muito na hora de se locomover e aumentando o risco de acidentes porque a poeira atrapalha muito a visão.

Figura 14: Poeira em estrada no período de seca



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa.

Uma forma de se locomover no território é usando os animais. Por exemplo, o cavalo já foi e ainda é muito usado pelo nosso povo para fazer passeios, trabalhos e viagens. O cavalo é uma boa opção pelo fato de as estradas serem muito precárias e por terem vários carreiros, desvios que só de cavalo ou a pé alguém consegue passar. Porém, hoje em dia, são as motocicletas e os automóveis movidos a motor que são mais usados como meio de transporte no nosso território.

Não posso deixar de falar do carro de boi, tão importante para nosso povo e que já foi até tema de um percurso do FIEI. Alípio Ferreira da Cruz (2018), no seu percurso de título “A CARPINTARIA XAKRIABÁ: Proposta para manter a Tradição da Carpintaria Xakriabá”, mostrou a forma de construir o carro de boi e falou da sua importância para o povo Xakriabá:

O carro de boi é um objeto que é confeccionado de madeira. Ele foi o primeiro transporte de carga pesada que o povo Xakriabá teve acesso, ele não é um objeto específico do povo Xakriabá, mas foi criado um modelo padrão que atendesse a necessidade do povo pelos próprios carpinteiros Xakriabá, ele é puxado por bois, ou seja, a sua principal tração é causada por forças de bois. (CRUZ, 2018, p. 38)

O carro de boi, meio de transporte de carga, já foi e ainda é usado no território. Ele também era utilizado para levar as pessoas para as cidades ou aqui mesmo dentro do território. Hoje em dia, esse meio de transporte é usado, mas não como antigamente. Devido à chegada dos automóveis no território, não é mais comum de a gente ver o carro de boi por aqui. Esse meio de transporte, com certeza, tem uma agilidade maior para passar por vários lugares de mais difícil acesso por ser movido por bois e suas rodas serem de madeira com um ferro ao seu redor. Cruz (2018) fala da importância do carro de boi e seus usos pelo nosso povo Xakriabá:

O carro é muito importante para o povo Xakriabá, porque antigamente as pessoas utilizavam muito ele na agricultura para transportar os produtos das lavouras até as suas casas como: milho, mandioca, feijão, batata, arroz, fava, abobora, cana e etc. Esses produtos também eram transportados para a comercialização e a troca nas cidades vizinhas como: São João das Missões, Itacarambi. Usando o carro de boi e o cargueiro, as pessoas gastavam vários dias de viagens para transportar esses produtos até chegar nas cidades. Também de acordo com alguns relatos, quando algumas pessoas adoeciam eram transportados para a cidade em carro de boi, isso foi uma tradição que foi passada de geração para geração. (CRUZ, 2018, p. 38)

Figura 15: Carro de Boi na aldeia Sumaré I



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante a realização da pesquisa.

Vídeo 1: Uso do carro de boi no território Xakriabá⁶

Fonte: Produzido pelo autor

No decorrer do tempo, muitas coisas foram mudando, mudaram as estradas e os veículos que as pessoas estão usando. Com a chegada de novos veículos, as estradas do território tiveram muito o que melhorar. As estradas que antes eram carreiros, as máquinas apareceram para consertar. Com o crescimento da população, foram surgindo novas aldeias e diante disso foram surgindo também novas estradas. E se antes o trabalho para fazer essas estradas era apenas utilizando as forças dos braços, hoje graças às máquinas esse serviço ficou mais fácil e prático. É certo falar que as máquinas foram uma mudança boa na reconstrução e construção das estradas, mas vale lembrar também que em muitos casos algumas máquinas apareceram para destruir boa parte da nossa natureza.

⁶ Disponível em: <https://youtube.com/shorts/udy3Ac-qfZY>

Figuras 16 e 17: Obras nas estradas de terra para melhoria de acesso



Fonte: Do autor, 2021. Fotografias tiradas durante realização da pesquisa.

Como foram surgindo os carros, as estradas tiveram muito que serem melhoradas, mas infelizmente ainda falta muito a melhorar, para podermos nos locomover com mais facilidade dentro e para fora do nosso território Xakriabá. Principalmente, devido aos períodos chuvosos, as estradas acabam se degradando cada vez mais, todas elas têm que passar por manutenções, mas infelizmente isso não acontece com muita frequência.

Espero muito a melhoria da qualidade das estradas do nosso território porque a saúde do povo Xakriabá também depende muito da qualidade das estradas, por exemplo, para fazer o transporte de pacientes mais graves com mais rapidez até as cidades, entre vários outros pontos importantes.

4 METODOLOGIA

Entrevistei quatro pessoas, na seguinte ordem: Domingos Ferreira Silva (meu pai), morador da aldeia Sumaré I, em 18 de fevereiro de 2021, data em que tinha 57 anos; Francisco Fernandes Alkimim (meu tio), morador da aldeia Sumaré I, em 16 de Junho de 2021, data em que tinha 71 anos; José Cardoso da Silva (Zé de Olímpio), morador da aldeia Sumaré I, em 16 de Junho de 2021, data em que tinha 65 anos; Aldemir Marcos de Almeida Mota (popularmente conhecido como Naldin Marcos), morador da aldeia Prata, é formado no FIEI, na turma CVN (Ciências da Vida e da Natureza) 2011-2015, em 16 e 29 de Novembro 2021, data em que tinha 37 anos.

Entrevistei meu pai (Domingos Ferreira da Silva) por ele ser uma pessoa da família e que tenho convivido a minha vida toda. Também, porque me recordo do que aconteceu, desde que era criancinha, são lembranças relacionadas aos transportes, aos passeios e às várias vezes que eu fui com ele para ajudar a fazer algumas entregas nas comunidades e nas escolas, pois ele trabalhava como motorista de caminhão. Para mim, é muito importante a participação dele nesta pesquisa, pois ele trabalhou muito tempo como motorista de caminhão e como motorista da ambulância da comunidade. Por isso, achei que seria necessário a participação dele para poder falar de suas experiências, momentos bons e momentos difíceis, tanto dos transportes antigamente como as condições de transportes hoje em dia.

Escolhi entrevistar meu tio Francisco e o Sr. Zé de Olímpio pelo o fato de serem anciões e porque algumas vezes já os ouvi contando várias histórias. Por eles serem da minha comunidade, facilitou ainda mais na realização das entrevistas. Meu tio Francisco, por exemplo, foram conversas e histórias contadas por ele que me motivaram a falar sobre esse tema de pesquisa. Ele me aconselhou a falar sobre os meios de transporte, pois via a necessidade de falar de algo que ele presenciou do início até o tempo atual. Os dois presenciaram vários momentos relacionados aos meios de transporte, eles trazem momentos vividos das construções das estradas, deslocamentos dentro e fora do território, momentos bons e difíceis, como relatos de alguns acidentes, etc.

Devido ao fato de estarmos em um período de pandemia, diferentemente da entrevista com meu pai com quem eu já estava com contato diariamente, foi necessário esperar o momento ideal para realizar as entrevistas do tio Francisco e do Sr. Zé de Olímpio, pois em nosso território o número de casos de contaminação de Covid-19 aumentava e diminuía muito rapidamente. Eu

não poderia fazer as entrevistas em um momento que tinha mais casos na aldeia, esperei os casos diminuírem e, tomando os maiores cuidados possíveis, graças a Deus, consegui realizar as entrevistas.

Na minha pesquisa, além dos anciões, pensei que não poderia faltar uma pessoa mais jovem. E foi a partir de uma conversa aleatória que eu tive com Naldin, da aldeia Prata, em um evento esportivo, que eu percebi que seria importante uma entrevista mais detalhada com ele, pois ele me deu várias ideias de como eu poderia buscar conteúdos e produzir este trabalho. Em suas falas, Naldin trouxe vários pontos e conhecimentos e, até mesmo, histórias que ele já ouviu dos mais velhos.

Como o período de realização das entrevistas foi o mesmo da pandemia, realizar as entrevistas presencialmente teve que ser bem planejado, da melhor maneira possível sem colocar os entrevistados em riscos de contaminação. Tanto para entrevistar o meu tio Francisco como para entrevistar o senhor José de Olímpio, eu me desloquei da minha casa até a casa deles que é na minha aldeia, tomando os cuidados possíveis. Fiz as entrevistas com o gravador do meu celular que foram transcritas e enviados para a minha orientadora. Já a entrevista com o meu pai, como moramos na mesma casa, foi através de conversas no dia a dia, logo em seguida juntamos todas as informações e gravamos em áudios para em seguida serem transcritos.

Para a realização da entrevista com Naldin Marcos, como ele mora na aldeia Prata, aproximadamente 16 quilômetros de distância da minha aldeia Sumaré I, a melhor forma encontrada para realização da entrevista, foi através de áudios via *WhatsApp*, que em seguida foram transcritos, evitando assim os riscos de contágio da COVID-19.

Todos os roteiros dessas entrevistas foram feitos por mim com a ajuda da minha orientadora buscando pontos importantes relacionados aos meios de se locomover do meu povo Xakriabá.

5 ENTREVISTAS

As entrevistas são apresentadas em tópicos a partir dos assuntos centrais contados por cada entrevistado.

5.1- Entrevista com Domingos Ferreira Silva

Figura 18: Domingos Ferreira Silva (meu pai)



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa.

5.1.1- O que fazia quando precisava ir às cidades antigamente?

Domingos: Antigamente, os transportes que a gente mais usava pras pessoas comprar, fazer as feiras, saía daqui, pegava e ia a cavalo, levava a carga no jegue, pra levar mamona, levava essas coisas pra poder trocar e aí passou a ser os carros de boi. A gente saía, dois, três dias pra poder chegar. Por exemplo, a gente ia mais era em Itacarambi, outras pessoas que tinha costume ia pra Januária, ou às vezes em Itacarambi não tinha, aí ia pra Manga. As pessoas às vezes, os produtos que era produzidos aqui era: milho, feijão, às vezes mamonas, essas coisas. Então, levava pras cidades pra trocar em outras coisas que aqui não tinha, era arroz, era café, ou aliais toicinho mesmo, óleo aqui não existia quase, e aí era o meio de vida.

Ednaldo: O que as pessoas faziam quando tinha um acidente mais grave ou alguma urgência?

Domingos: Quando tinha um acidente mais grave, às vezes que quebrava uma perna, quebrava um braço, às vezes nem tinha condições de ir na cidade. A pessoa o quê que fazia: tinha umas pessoas aqui que era experiente, às vezes marrava uma taleta né, no braço ou na perna, então encanava por ali, às vezes nem ia na cidade pra poder cuidar daquilo. O transporte era difícil, num tinha estrada, num tinha carro, então as pessoas sofria, né?

Em 1987, um dos meus filhos mais velhos tinha uns três mês de idade, então eu trabalhava na barragem, no Itacarambizin, meu filho adoeceu, eu vim aqui caçar um carro pra levar e uma pessoa tinha um carro, ele cobrou tanto mode eu poder levar em Itacarambi. Aí eu dei ele, ele não quis, ainda ofereci ele dinheiro a mais ainda, ele falou que não dava não, que ia plantar a roça dele e tava chovendo e não ia não, aí acabou meu filho morrendo, por causa que ele tinha um carro, hoje ele não é vivo mais, e não socorreu. Você ver a dificuldade que a gente passava, a gente andava de pé dezoito quilômetros a pé pra poder ir trabalhar, pra poder dar o sustento pra família. Então, por isso, a gente passou a não querer que outras pessoas passe por isso mais.

5.1.2- Transportando as pessoas para a cidade

Domingos: Então, pra transportar as pessoas pra cidade, eu comprei um carrinho pequeno, um Pampa. Aí, levava às vezes chovendo ou sem chuva, as estradas ruins.. aí depois eu passei a trabalhar pra outras pessoas, com um caminhão, não era ônibus, era um caminhão de transporte; as pessoas ia receber um pagamento ou ia comprar algo ou fazer feira, então a luta era essa.

Ednaldo: Quais eram os desafios?

Domingos: Os desafios era esses, chovendo a gente tinha que enfrentar todas dificuldades, às vezes o carro atolava ou liais, não dava pra passar, a gente caçava um meio, ou conde não dava pra ir a gente parava, no outro dia a gente já ia. Então a luta, ela sempre continuava, levava enxidão, tampava buraco daqui dacolá ou liais, a gente abria outra estrada fazendo desvio que as estradas era ruim.

Ednaldo: Já aconteceu algum acidente grave?

Domingos: Comigo, com carro meu, nunca teve acidente. Às vezes já aconteceu acidente, né, que eu levei as pessoas. A vez que aconteceu o acidente noutro carro, chamei as pessoas que eu levei pra vim mais eu, eles não quis, então larguei o carro e vim de moto, aí conde cheguei na

estrada o carro que eles vei tava tombado.

Ednaldo: Para quem trabalhava?

Domingos: Eu trabalhava para o cunhado meu que chama Domingo, Domingo de Nira, né? Então as pessoas ia mais eu no caminhão pra Missoões, chegava lá fazia as feiras, eu passava de aldeia em aldeia entregando as feiras pras pessoas, aqueles que comprava né, fazia as feirinhas lá, todo mundo, tinha lugar que era de difícil acesso, a gente levava até nas costas pra chegar na casa.

Ednaldo: O que mais o senhor fazia?

Domingos: Eu também ia entregar merendas nas escolas. No começo é, começava né, Traíras, ia Itacambizinho, Riacho dos Buritis, São Domingos, Santa Cruz, Riacho do Brejo, Brejo mesmo, Prata, Imbaúba, todas aldeias aqui, Peruaçu, Vargens, Sumaré III e II, Custódio. Além de quando tava chovendo, era difícil pra chegar e condo tava na seca, assim também, que de sol era as areias, no carro a gente tinha que levar um enxadão, ia chamar alguns amigos, companheiros pra poder ajudar empurrar o carro, tirar as areias da estrada quando o carro atolava. Então, era essas as dificuldades que nós tinha, era essa, ainda tem até hoje ainda, tempo das secas era as poeiras e areias, aí quando tá chovendo é as lama.

5.1.3- Período como motorista de ambulância

Domingos: Me contrataram uns dois anos aí né na prefeitura, pra trabalhar na ambulância. Então, só era eu sozinho que trabalhava aqui, o carro da saúde que tinha era esse, a ambulância, e tinha outro carro da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena). Mas eu trabalhava dia e noite, tinha vez que chegava em casa meia noite e quando era uma, duas horas da manhã, tinha que voltar de novo. Então, as pessoas tinha vez que até brigava com a gente porque eu não dava conta, eu ia pra Montes Claros, ia pra Januária, pra tudo conte é lugar, chegava aqui já tinha que voltar de novo. Têm pessoas que até ficou de mal comigo por causa que eu não dava conta do serviço, eu sozinho cansava né, aí depois parou o serviço, me tiraram do serviço e eu não trabalhei mais. Aí também, a prefeitura tinha vez que num dava aquela de quantidade gasolina que dava pra socorrer. Faltava e as pessoas colocava gasolina com bolso deles mesmos pra poder levar os pacientes, outra vez eu mesmo colocava a gasolina do meu bolso, então era desse jeito.

Tinha aldeia que não tinha acesso pra chegar na casa das pessoas, então tinha vez de trazer a

peessoa até nos braços pra poder ir até a estrada, pra chegar na ambulância, pra gente poder socorrer. Um dia eu fui levar uma pessoa três vez no Hospital de Manga e o médico voltou ela pra trás, quando eu cheguei em casa já chegou de volta as pessoas pedindo pra levar essa pessoa que eu não sabia que era a mesma que eu tinha deixado lá, aí voltei pra poder socorrer a pessoa e aconteceu dela ganhar neném na estrada e foi obrigado eu mesmo socorrer ela, a gente correndo às pressas não deu pra chegar em missões, ela não aguentou chegar em missões, eu tive que fazer o parto dessa pessoa. Mas Deus ajudou que correu muito bem e acabamos de chegar na Manga.

Outra ocorrência que eu fiz isso também e que não dei conta porque os familiares dessa pessoa que veio a óbito na estrada. Então essa pessoa tomou um remédio a mais, aí mandou eu ir socorrer, eu fui cheguei lá eles não quis deixar levar, disse que a mulher tava dormindo, aí eu pedi, moço vamos levar, vamos levar, quando resolveu aconteceu que não deu conta de chegar na cidade e a mulher morreu na estrada.

5.1.4- Meios de transportes e suas mudanças

Domingos: Primeiras coisas, os primeiros meios de transportes, a gente andava à cavalo, aí depois veio alguns com o carro de boi, então os primeiros passos foi esses. Então não era todos que tinha cavalo, se tivesse que ir em algum lugar a gente ia a pé e às vezes era longe, aí que foram aparecendo os transportes a cavalo, aí depois já começou bicicletas, motas, carros, mas a gente andava mais era a pé. Teve umas mudanças que vei boas né, mas também causou muitos acidentes que foi as motos e os carros também, é bom, mas se as pessoas não sabe andar causa muitos acidentes também, mas as motos é pior, os acidentes que mais tá tendo é de moto.

Ednaldo: Mas por que isso acontece?

Domingos: É, isso acontece porque as estradas aqui é muito ruins e a imprudência também de algum que não saber andar, as pessoas que hoje vai pras festas de moto é melhor não beber, não entrar em muito balada porque o sono e a bebida atrapalha. Volante e direção com bebida não dá certo, mas o que causa mais é porque as estradas que é ruins e as pessoas que também às vezes ultrapassa no álcool.

[...]

Domingos: A evolução aqui dos transportes que as veiz atrapalha muito é as motos, carro até que não, porque as estradas já é ruim e não tem como correr assim e também quem anda de

carro tem mais cuidado, mas alguns motoqueiros que andam muito sem necessidades, à noite mesmo, por exemplo, ficam perturbando um e outro acelerando as motos demais e se a gente reclamar às vezes até acham ruim com nós. Como muitos não respeitam ninguém, andam de qualquer jeito, correndo e bagunçando, com isso acaba acontecendo muitos acidentes também por causa disso, porque muitas pessoas não respeita o trânsito, não respeita ninguém, às vezes passa de hora da noite ou de dia mesmo, e não tá nem aí com ninguém não. Eu falo aquelas pessoas que não tem consciência, né. É, têm os lados ruins, mas também têm os lados bons das motos, por exemplo, porque têm algumas pessoas que mexe com oficina de moto e às vezes as pessoas precisa consertar as motos, a gente também já vende a gasolina e com isso gera fontes de renda pra algumas pessoas também né, como também muitas vezes as pessoa precisa de uma necessidade de dar um recado ou comprar alguma coisa rapidinho vai, então é bom por isso também, mas no mais aparece mais coisas ruins do que bom.

5.1.5- Início das estradas

Domingos: Então, as primeiras estradas que foram construídas, por exemplo, foi do Sapé cortando até aqui e daqui do Sumaré pras Vargens e da das Vargens pela Vargem Grande, comandado por Vicente Lopes e Maria Durães e Joaquin Mota, também. E aí o finado Rodrigão que na luta da nossa terra foi que fez os outros pedaços, tipo do Brejo até Traíras. E as estradas aqui de aldeia em aldeia, os povos ia fazendo, tudo nos braços como naquele tempo tinha muitos carreiros, né, os povos ia fazendo sempre mais aos poucos, as estradas foram construídas tudo assim, foi através dos braços, as pessoas ia fazendo com machado, enxadão, enxada e foices. E, depois com o tempo que foi aparecendo essas máquinas pra ir fazendo as estradas mais melhor. Vicente Lopes era uma pessoa que, naquela época, como as coisas era bem difíceis, ele comprava algodão das pessoas, comprava mamonas ou milho, então através disso aí as pessoas faziam em trocas, vendia as mercadorias produzidas aqui pra ele e comprava ou trocava em outras coisas que era difícil aqui, era feijão, arroz, óleo, açúcar e algumas outras coisas, ele fazia os transportes das coisas pra Januária.

Ednaldo: Então, ele pegava as coisas produzidas aqui e ia vender ou trocar em Januária?

Domingos: É, ele pegava essas coisas daqui, transportava pra vender ou fazer trocas em Januária e com isso facilitava muito pra nós aqui porque as coisa eram bem difíceis em questão aos transporte.

5.2- Entrevista com Francisco Fernandes Alkimim

Figura 19: Sr. Francisco Fernandes Alkimim



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa.

5.2.1- Relação com o tema da pesquisa

Ednaldo: Qual sua relação com esses meios de transportes?

Francisco: Pois é, porque o pai nosso já tinha os carros de boi e os animais, ele trabalhava e ensinou nós tudo trabalhando, era tudo com animal mesmo e carro de boi aqui mesmo e pra vender e comprar mercadoria. E até a gente ainda luta com isso ainda, é um carrinho de boi ou um animal pra ir fazer compra, a gente ainda luta, têm os carros de gasolina, mas a gente ainda trabalha nesses trem ainda.

Antigamente, nessa época que a gente rodava, ninguém proibia não, hoje que tem essas bestagens de tá proibindo os outros de entrar em algum lugar, mas antigamente você viajava em qualquer lugar no Brasil todo se quiser, sem perigo, ninguém perseguia você em nada, nada, todo mundo antigamente respeitava os direitos de cada um, nessas épocas não tinha roubos, não tinha esses trem não, daí pra cá que foi evoluindo que foi dando pra malandragem roubar e fazer bagunças⁷.

⁷ No período em que a entrevista foi realizada estavam ocorrendo roubos de moto ao redor do território, principalmente na estrada que liga o território à cidade de Itacarambi; inclusive um dos filhos dele teve sua moto furtada quando estava indo pra Itacarambi.

5.2.2- Os meios de transporte antigamente e as primeiras estradas

Francisco: É, então os meios de transportes que eu lembro que era antigamente, os transportes que tinha aqui era o carro de boi, era animais, os cavalos e os burros com ou sem cangaia⁸, né. Pegava e ia pra Januária, né, levava rapadura, levava mamona, farinha pra vender e pra trocar a troco de outras mercadorias da dispensa, levava também algodão. Era em Itacarambi, Manga, tinha vez que a gente ia com o carro de boi era mais ou menos três dias de viagem pra ir e vim em Januária; em Itacarambi também era três dias porque a gente tinha que ir em um dia, descansar o animal pra poder voltar de novo. A gente levava a comida, farofas e outras coisas pra poder comer nas estradas. Quando a gente resolvia ir, reunia as pessoas, a turma que precisa ir fazer as compras e ia todo mundo, os que ia fazer compras ou resolver outras coisas também né, e nós ia todos juntos.

Ednaldo: Esses transportes que vocês utilizavam davam conta?

Francisco: É... esses transportes dava conta sim, dava conta pra ir, a gente comprava ou trocava as mercadorias e voltava. É porque cada animal, tanto os cavalos como os carros de boi já tinha uma quantidade de peso que podia carregar né, a quantidade certa. Nós só levava os mesmos animal, não precisava trocar, a gente ia montado em um e no outro levava os cargueiros, a gente levava até rapaduras pra poder dar os animais nas estradas, porque não tinha capim na época nessas estradas, era só matas mesmo, não tinha rodagem, não tinha nada era só caminho de carro de boi e de cavaleiro.

Os produtos que nós produzia aqui, a gente moía cana, fazia rapadura, plantava mamonas, colhia, plantava mandioca, colhia e fazia a farinha pra vender lá, pra compra um arroz, comprar um óleo, comprar um sal, comprar um sabão que aqui não existia, comprar roupas que aqui na época alguns tinha uns tiázim⁹ pra fazer roupas, mas não dava conta e tinha que comprar lá fora. Na época, o povo quase não tinha dinheiro, então, a gente só trocava mercadorias mesmo, a gente trocava também a troco de ferramentas também, enxadas, enxadões, foices, machados e usava essas ferramentas aqui no nosso território para fazer os trabalhos.

As primeiras estradas que eu lembro que foram feitas aqui, foi tudo feita nos braços, era com enxadão, enxadas, foices, machados e depois com os tempos passados é que foi vindo máquinas,

⁸ Utensílio feito com ganchos, todo em madeira, que se adapta ao lombo de um animal sobre uma proteção ou forro para não ferir o animal. Sobre ela se prende um determinado carregamento como rapadura, mamona, farinha, entre outros.

⁹ Diminutivo de tear.

fazendo e arrumando as estradas velhas que já tinha e foi melhorando até hoje já tá as estradas mais boas por causa disso. Já tinha as estradas velhas e as máquinas só fez limpar e arrumar porque também só passava carros de bois e cavaleiros né. Quando começou fazer essas estradas né, umas vez eu tava né, agora na época de João Maduro, Vicente Lopes, essa aí nós tava, era eu, era João Cana Brava, era Zé Trinta aqui, nos ajudou de enxidão, de foice.

Esse Vicente Lopes, ele era de Januária, só que ele tinha uma fazenda aqui no Sapé, ele trazia a mercadoria dele pra vender pro povo aqui e dava serviço pra o povo e comprava mercadoria daqui pra levar pra poder vender lá em Januária de novo. Tinha Joaquim Mota que era de Januária, João Maduro também era de lá. Eles foram os primeiros viajantes que veio de lá pra cá de caminhão e assim quando um parava o outro continuava. Já tinha as estradas que passava os carros de bois e eles pagava as pessoas pra ir consertando pra passar com caminhão, eles foi os primeiros que foi pagando as pessoas pra ir fazendo as estradas. De Missões pra cá, foi o finado Cacique Rodrigão que organizou as pessoas pra fazer as estradas e do Sapé pra cá, Peruaçu até Januária, foi esses outros que foi fazendo as estradas pra gente. E depois eles foi trazendo as mercadorias pra nós, eles trazia as mercadorias, chegava aqui e trocava e levava as coisas daqui pra lá. Tinha vez que a gente mesmo e outras pessoas tocava porcos gordos. A pé daqui pra Januária, era uma semana viajando.

Tinha um véi que chamava Zé e o outro Dito, aí tocava cinquenta a sessenta ou mais porcos gordos, porcos de oitenta a cem quilos, quando ia tocar os porcos daqui pra lá ia 5 a 6 pessoas tocando a boiada de porcos. E quando a gente chegava nas estradas que os porcos cansava, a gente ascendia umas coivaras de fogo atrás na estrada e outra na frente e os porcos dormia nos meios da estrada. E quando era quatro da manhã que eles comessem a roncar, era a hora de tocar eles. Aí já dava comida e água e começava a tocar eles e já ia um cargueiro pra tá levando ração e água pra poder tá dando eles, aqueles que não aguentava matava na estrada e o cargueiro levava e os outros ia tocando, não tinha carroça, era só carro de boi mesmo né. Esses porcos era tudo pra vender e trocar lá e matar lá no mercadão de Januária. As condução que a gente tinha era só pra trabalhar, fazer compra, só pra manter a gente e a família mesmo, só ia nas cidades também quando ia fazer compras.

5.2.3- Transporte das pessoas doentes

Ednaldo: Quando acontecia algum tipo de acidente mais grave o que as pessoas faziam para socorrer?

Francisco: Aqui mesmo quando alguém quebrava, por exemplo, uma perna ou um braço, curava por aqui mesmo, colocava umas taletas/tabas de madeiras e encanava aqui mesmo, colocava no braço ou onde for e enchia de talo aqui e marrava e ficava aí uns trinta dias porque não tinha nem médico em Januária antigamente, não tinha não. Começou aparecer médicos lá foi de poucos anos pra cá. Lá tinha os farmacêuticos que era Policastro, era esses que era os enfermeiros que tinha lá e era curador, depois que foi começar a chegar os médicos. E aqui as pessoas que cuidava mesmo era os curador ou as pessoas mesmo donos dos pacientes que tinha algum acidente. Às vezes cobra mesmo “ofendia”, bebia era querosene, comia rapadura bastante pra mode não morrer e não podia beber água também não, tem que ficar vinte e quatro horas porque a água mata mais rápido. Procê ver, qualquer criação que a cobra picou ele, se ele beber água morre na hora porque não pode, né. Meu irmão mesmo, Antônio, a cobra mordeu ele foi duas vez, uma no sábado e a outra com oito dias tornou morder, uma foi no dedo e a outra no pé e curou foi só com remédio de casa e do mato mesmo, as plantas medicinais, então nem precisava ir na cidades assim, aqui mesmo conseguia resolver.

5.2.4- As mudanças nos meios de transporte e os impactos na vida do povo Xakriabá

Ednaldo: Qual a importância dos meios de transportes naquela época? As mudanças?

Francisco: Era muito importante porque era da gente trabalhar mesmo, não tinha outra condução, então era bem importante. Por exemplo, se a gente não tivesse eles, a gente não fazia essas viagens, né? Hoje os meios de transporte tá tendo muitas condução de carro no Brasil todo, mas tem muitas coisas, tá entrando mais coisas ruins do que bom de condução, tá bom nuns pontos, mas em outras coisas atrapalhou muito. Aqui no território melhorou algumas coisas né, facilitou de trabalho ou viagem mais rápida, já começou trazer os alimentos pra cá, já ficou mais fácil, hoje é bem difícil faltar alguma mercadoria. Não precisa ir muito nas cidades comprar essas coisas, antigamente mesmo a gente só mexia em casa mesmo, vendia umas coisinhas, arroz, sabão ou um querosene e vendia tudo em casa, essas coisas ia pegar lá nas cidades de carro de boi, no cargueiro e vendia aqui. E depois que chegou esses carros mudou que não precisou mais a gente viajar né, ir lá pegar né, mudou, ficou boa umas coisas né, uns pontos e em outros não ficou muito bom, mas tá melhor do que era antigamente. Antigamente era sofrido, mas era mais bom que agora, era mais sossegado, se viajava tranquilo, não tinha ladroagem, não tinha nada e hoje tem tanto carro, tem tanta moto, tem tanta estradas boas, mas também tem muitas coisas ruins, aprontando bagunças, os acidentes hoje é porque os povos desembesta no mundo, muitos não tá dando conta de viver direito, muito nas drogas e bebidas,

nas bagunças aí e estão abusando da vida, abusando da sorte. Têm uns que usa as motos pra trabalhar e outros pra bagunçar, pensa que a gente tem ouvidos alugados né.

5.3- Entrevista com o Sr. Zé de Olímpio

Figura 20: Sr. Zé Olímpio



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia tirada durante realização da pesquisa.

5.3.1- Sobre um acidente

Zé de Olímpio: Então, o que eu consigo lembrar de antigamente, falando um pouco de um acidente que aconteceu foi que eu ia de bicicleta, aí os outros ia de caminhonete, aí quando chegou na estrada eu de bicicleta e eles me deu a carona. E eu peguei essa carona com eles. Parece que já tava adivinhando, aí nós tava indo e chegou na estrada aconteceu esse acidente [...] nós pediu pra descer, ele falou que não precisava descer não, que dava pra descer de carro. Aí quando chegou no começo da ladeira, do ladeirão da estrada velha, no ladeirão cá, o carro pegou a velocidade, aí lá na frente o carro bateu no barranco lá e bateu no pé de piló¹⁰ e virô. Aí eu bati a cabeça e furou um pouco na pedra. Aí, a finada Ercila caiu lá, nós pelejando pra conseguir tirar ela, não consegui. Aí compade Demir que tava indo pra Itacarambi também de moto que chegou com facão e ajudou a socorrer. Nós ainda foi tirar pau, mode conseguir tirar ela, aí nos cortou os paus e erguimos aquele ferrão lá e colocou as pedras de baixo e tiramos ela. Aí a veia Naia tava lá machucada também, ela melhorou um pouquinho, aí quando foi ver ela já tinha morrido já. Aí Demir que tava de moto foi pedir socorro também em Itacarambi e

¹⁰ Piló é uma espécie de planta que dá muitos frutos que muitos comiam, mas muitas pessoas não se sentiam bem.

logo, logo o socorro chegou pra socorrer nós. Aí é ... Saturnin morava lá em Itacarambi, nessa época, aí ele veio mais João de Viriço socorrer nós, chegue lá levou nós no posto de Itacarambi, fez tratamento, curativo né, nos machucados, e depois eu vim embora pra cá. Nesse tempo, meu sogro também morava lá, meu sogro, minha sogra e eu ia mais lá por causa disso também e foi isso.

Ednaldo: O que pode ter causado esse acidente?

Zé de Olímpio: [...] chegou nessa hora lá o carro deu esse defeito, eu acho que ele tentou colocar na... no freio de mão, puxar o freio de mão, aí não conseguiu, aí desceu direto, perdeu o controle. [...] Naquele tempo, as estradas também era tudo mais ruins né, era tudo concertado, era nos braços, era roçando, tampava os buracos com enxidão e enxada, era desse jeito também né.

Ednaldo: Quantas pessoas tinha nesse carro/caminhonete?

Zé de Olímpio: Quantas pessoas tinha, eu não lembro direito não, mas acho que tinha a base de uns 20, era um carro grande, era uma picape de Zé Pequeno. Eu lembro que tinha até uma bebê também. Eu não sei o que aconteceu não, mas parece que foi uma obra de Deus, ela tava no colo da mãe dela no carro, né? aí quando aconteceu o acidente, ela caiu no colo de uma outra mulher, foi milagre mesmo.

5.3.2- Dos transportes usados antigamente aos transportes de hoje em dia

Zé de Olímpio: Eu já tinha um costume de ir de bicicleta né, não era direto não, mas de vez em quando precisava, quando eu ia, saía daqui bem cedinho, de madrugada e demorava umas quatro a cinco horas pra chegar lá. Tinha vez que chegava lá o sol já tava alto na base de umas 10:00, 11:00 horas. Tinha vez que era mais tarde ou mais cedo né, chegava lá comprava as coisinhas lá e saía de lá na base de umas 15:00 a 16:00 horas e chegava aqui era na base de umas 20:00 a 22:00 da noite, mas nunca vi esses negócios ruim igual livuzia¹¹ não, a gente ia e às vezes voltava no mesmo dia. Quando eu ia pra lá era sempre pra resolver alguma coisa né, às vezes ia pra casa do meu sogro também quando ele morava lá, comprar coisas também, às vezes levava coisas pra trocar também, mas de bicicleta não dava pra levar coisas pra trocar assim, aí ia comprar algumas coisas né, era algumas roupas, algum sal, café, o que dava pra trazer, açúcar a gente não comprava não porque aqui a gente produzia a rapadura né, então nem

¹¹ Livuzia: assombração.

conhecia o que era açúcar, tinha a cana, a rapadura e nem sabia que fazia açúcar. Nós ia a cavalo também, com cargueiro, carroça, carro de boi, tudo a gente ia, teve uma vez que eu fui de carro de boi levar madeira de casa de Crispiano ali, tirava um pouco de madeira aqui e levou pra lá. A gente tinha essas necessidades de ir resolver essas coisas né, comprar coisas, as vezes até fazer um exame que aqui não tinha como fazer. Então, a gente tinha que ir lá resolver essas coisas.

Hoje em dia, a gente ainda usa o carro de boi pra trabalhar, só que agora quem trabalha mais é meu menino, eu aprendi a trabalhar assim com meu avô, carriava cana pra muê no engenho, carriando madeira, foi muito importante o carro de boi e era o jeito né, o serviço ficava mais fácil, mais leve. Antes trabalhava pra mim, era pros outros, tudo trabalhava, carriando milho, era feijão, tudo era com carro de boi. De primeiro, as pessoas me pagava no dinheiro, as vezes era em trocas, tudo a gente ajeitava e aqui tinha muitos carros de bois.

Quando era pra mexer com a saúde, quando tinha uma pessoa doente, os donos dessa pessoas que tinha que correr atrás, ia lá em Missões, no raizeiro ou no curador lá, mode tratar da saúde, lá em Missões era o véi Barbero lá que negociava, só ia lá, ele só passava a receita moço. Nós ia a cavalo, pegava o cavalo, muntava e ia lá, falava o que a pessoa tava sentindo, contava tudin né, ele passava a receita e a gente ia na farmácia caçar os remédios, trazia, dava a pessoa e a pessoa miorava. Tinha que ser outras pessoas que tinha que correr atrás por isso né, porque se fosse a mesma pessoa ela podia até morrer na estrada, a pessoa já doente, ter que sair daqui muntado a cavalo pra ir lá, ia chegar lá mais ruim ainda. Nessa época era bom que aqui também tinha muitos curador, né.

Como o tempo foi passando, foi aparecendo mais esses trem. Apareceu mais bicicleta né, porque nesse tempo bicicleta era mais difícil, era mais pouca, poucos que tinha bicicletas aqui. Essa mesmo que eu tinha, eu comprei foi lá em Itacarambi, foi aparecendo mais motos e carros também, né. Depois disso, mudou umas coisas foi boas e outras ruins né. Depois disso, aliviou mais as caminhadas né, porque a gente caminhava mais era a pé. Tinha vez também que a gente ia em uns lugar mais longe. Teve uma vez mesmo que nós foi pra Montalvânia a pé, a cavalo nós não ia não, era tudo a pé, nós ia trabalhar lá, nós saia daqui, jogava a roupa dentro de um saco, aí jogava nas costas e saia aí a pé, matava uma galinha ou um frango, fazia uma farofa, chegava em Japuré, cê sentava pra comer aquela farofa, bebia uma água e trovejava no mundo com esse saco nas costas. Ia bastante gente, a maioria dos povos daqui ia tudo pra aqueles fundo de lá, era pro rumo do Japuré, Montalvânia, Ilma. A gente trabalhava era na roçada de pastos

das fazendas, lá a gente arrumava um serviço lá e ia trabalhar, nem ia certo de serviço ainda, chegava lá ainda tinha que ir caçar, caçar serviço ainda. Daqui lá em Montalvânia, a gente gastava a base de um dia pra chegar a pé. Antigamente era perigoso, mas não tinha bandidos não. Nessa época, a gente tinha mais medo era de ... de onça, bicho homem e pé de garrafa. Pé de garrafa é um bicho que tinha no mundo, bicho feroz que tem no mato, ele tinha um pé sozinho, o pé dele era que nem uma garrafa mermo, é por isso que ele tem esse nome, ele vai é pulando e disse que ele dorme é em pé também, num pé de pau. Agora o que a gente tem mais medo é de bandido de ladrão.

5.4- Entrevista com Aldemir Marcos de Almeida Mota

Figura 21: Aldemir Marcos de Almeida Mota (Naldin)



Fonte: Do autor, 2021. Fotografia cedida pelo entrevistado.

5.4.1- Transporte e Educação Indígena no território Xakriabá

Ednaldo: Seus conhecimentos em relação aos meios de transportes na educação?

Naldim: Então, eu vou falar um pouco sobre o transporte, basicamente voltado sobre a Educação, né. Por volta dos anos de 1996 e 1997, quando começou o primeiro curso de formação dos professores indígenas Xakriabá, no Parque Estadual do Rio Doce, geralmente o pessoal tinha os professores escolhidos, né, pelas lideranças. Os professores, eles tinha um

ponto, um local de encontro, tanto de reuniões e também de local de viagem na saída, e esse local era na aldeia Sede. Então, quando esses professores iam viajar para o Parque Estadual do Rio Doce, para fazer os cursos, esses pessoal eles deslocavam né, de todas suas aldeias para aldeia Sede e o meio de transporte utilizado nessa época era basicamente mesmo, só o animal né, o cavalo, aquelas aldeias vizinhas mais próximas da aldeia Sede, vinha a pé, aqueles mais próximo já vinha a pé pronto para viajar porque era perto, vinha com bolsas de viagem e aqueles de mais longe vinha de cavalo.

Então, falando assim, sobre o começo da luta dos primeiros professores indígenas Xakriabá, em termo de transporte, começou dessa forma. E depois que foi pro parque por volta do ano 1997, segundo relatos dos professores mais velhos. Em 97 começou o primeiro ano da Educação Indígena que os professores começou a dar aula, só que aí é igual até hoje acontece né? De ter vários momentos de ter assembleias, momentos também de planejamentos de todas escolas. E por no Xakriabá existir, no começo, só uma secretária que era na aldeia Sede, os professores deslocavam né? ia todos para aldeia Sede participar das assembleias da educação, participar também dos planejamentos. E na viagem, o meio de transporte era o cavalo né? o animal, e também os professores das aldeias mais próximos da aldeia Sede ia a pé e os de longe ia à cavalo. O pessoal das últimas aldeias tipo: Aldeia Forges, Riacho dos Buritis, Peruaçu, essas regiões mais longe, o pessoal ia tudo a cavalo né? então, isso é um dos meios de transportes que o pessoal mais usou no início da educação indígena. E também, é ... quando a escola começou já funcionar, a secretária de todas as escolas era na aldeia Sede, então sempre quando tinha a merenda vinha pra secretaria que depois eram destinadas para as escolas, e aquelas escolas ia pegar a merenda né? pra levar pra suas escolas, usando como os meios de transportes o animal, né.

Eu me lembro que na aldeia Prata mesmo, meu irmão um dos professores mais velhos da nossa aldeia né? um dos professores da primeira turma, eu lembro que ele arriava o jegue e colocava as bruacas¹², né? e ia pegar a merenda da escola da Prata, lá na secretaria na escola da aldeia Sede, aproximadamente de 8 a 9 quilômetros mais ou menos. Lembrando também que não tinha nenhum transporte escolar para os alunos, não tinha transporte tipo veículos igual tem hoje para os alunos não, muitos alunos ia de aldeia longe pra aldeia Sede pra poder estudar, né? Às vezes uns ia a pé, outros às vezes tinha uma bicicleta e outros utilizava o transporte que é o animal também pra poder ir estudar nas escolas, esse era os meios de transportes também que os alunos

¹² Bruaca: caixote que servia para carregar mercadoria.

usavam naquela época, por volta de 1997 quando começou a Educação Indígena Xakriabá. Isso é mais ou menos um pouco do resumo de como era antigamente, né?

Ednaldo: Hoje, por exemplo, como que está?

Naldim: Hoje mudou completamente, né? hoje o número das secretarias das escolas aumentou, hoje temos aproximadamente umas dez secretarias escolar, onde outras escolas menores são vinculadas e a maioria dessas escolas hoje, né, tem os transportes que é escolar, que transporta os alunos e também a merenda quando ela é comprada na cidade, né? E essas merendas, elas chegam nas escolas através do próprio pessoal que ganhou a licitação da merenda que vai entregar nas escolas. Então, hoje não utiliza mais o animal pra poder tá transportando merenda pras escolas, hoje é através de carro mesmo né, de veículos de combustíveis. E hoje quando acontece as reuniões, as grandes assembleias, hoje o veículo que a maioria usa hoje é a moto, uns vão até de carro, né? O porquê que teve essa mudança tão rápida assim, tão radical assim né, foi devido as oportunidades que os professores foi tendo, foi melhorando um pouco as condições e o pessoal foi podendo comprar uma moto pra poder tá fazendo as viagens. Então, hoje a maioria dos professores que antigamente utilizava o animal né? o cavalo pra ir pras reuniões, para as assembleias da educação na aldeia Sede, hoje utiliza o veículo, o meio de transporte que utiliza hoje é a moto, as vezes alguns tem até carro, outras escolas utilizam os próprios transportes escolar, algumas aldeias fazem isso, vai com o transporte da própria escola para as grandes assembleias, hoje funciona dessa maneira.

5.4.2- Transporte e Esporte no território Xakriabá

Naldim: Agora falando um pouquinho né, sobre os meios de transportes relacionados aos esportes. De acordo com os conhecimentos e as convivências daqueles primeiros atletas mais velhos de nossas comunidades, nossa região Xakriabá, eles falam né? a gente já teve vários momentos de rodas de conversas com esses jogadores mais velhos para perguntar eles sobre tudo, sobre o futebol. Então, diante dessas conversas, a gente pode perceber os meios de transportes que eles usavam na época né? as vezes aquelas aldeias que eram bem mais próximas, já teve relatos de times ir jogar em outras aldeias a pé devido o fato de nem todo mundo ter uma condição de ter um animal, né? Eu mesmo, apesar de eu não ser muito velho assim, mas já aconteceu comigo de nosso time sair daqui de nossa aldeia Prata e ir jogar lá em São João das Missões e nós fomos todos a pé por falta de transportes. Não tinha carro, nem moto e nem todo mundo tinha uma condição de ter um animal naquela época. Então, já aconteceu isso de ir jogar

a pé em uma cidade, Missões que fica aproximadamente 9 quilômetros da nossa aldeia; nós também já foi jogar a pé na comunidade de Porteirinha que é próximo a Missões também, uma distância de aproximadamente de 12 a 13 quilômetros mais ou menos, né? que o nosso time também já foi jogar a pé. E, segundo os mais velhos, os times ia a pé jogar. E depois que cada um foi tendo a oportunidade de ter um animal, um cavalo, que aí o pessoal utilizou bastante, e mesmo aqueles que não tinha condições de ter um animal, seus colegas ia até sua casa buscar para poder ir jogar também. Então assim, depois de a pé, os meios de transportes mais utilizados foram os animais né, por exemplo, o cavalo, usavam bastante para poder tá participando das competições esportivas indo nas aldeias jogar. Então, os animais foi uns dos meios de transportes bem usados, né. Inclusive, eles falam né que tinha momentos quando havia algum jogo à beira de campo, debaixo daquelas árvores pra onde se olhava, só via cavalo amarrado de cada jogador que ia montado em seu animal não só os jogadores como também as pessoas que ia para o evento.

Ednaldo: Hoje, por exemplo, como que está?

Naldim: Hoje a maioria dos atletas que são envolvidos no esporte aqui dentro do Xakriabá vão para os torneios, para os campeonatos, praticamente todo mundo bem dizer, vão de moto, carro né, tem os ônibus que levam os times e torcedores também. Então, hoje mudou muito né, tá tudo mais moderno, hoje os meios de transportes estão mais tecnológicos. Hoje em dia, quando a gente vai nos jogos, que antes pra onde a gente olhava só tinha animais/cavalos amarrados, hoje embaixo das sombras só tem motos e carros, até mesmo aqueles que moram mais perto utilizam esses meios. Atualmente, esses são os meios de transportes mais utilizados pelos atletas aqui dentro do Xakriabá, então a gente ver essa diferença né em relação aos esportes percebemos que mudou bastante o modo de se locomover.

5.4.3- Transporte e Saúde no território Xakriabá

Naldim: Então, segundo os conhecimentos de nossos mais velhos, de acordo com o que eles falam pra gente, é que naquele tempo, muitos anos atrás era uma dificuldade muito grande para poder chegar a tal médico para fazer uma consulta, né. Apesar que também muitas pessoas tinham seus próprios remédio né, remédios daqui mesmo as plantas medicinais, mas às vezes tinha casos que era preciso ir até o médico. Então assim, de acordo com o conhecimento que eu tive, ouvi dos meus pais falando, relatando pra a gente de como que era as dificuldades relacionados aos transportes, eles falam que muitas das pessoas iam a pé quando ia fazer uma

consulta nas cidades, ia a pé até mesmo porque nem todo mundo tinha uma condição de ter um animal, um cavalo ou um jegue pra poder ir pra cidade, então eles utilizavam suas próprias pernas mesmo. Meu pai já chegou a relatar pra a gente aqui que a dificuldade era tanta que teve algumas vezes que a nossa comunidade aqui já saiu com pessoas pra tentar levar para os médicos numa rede, amarrava a rede num varão, colocava nos ombros e carregava a pessoa dentro da rede. Ia umas quatro pessoa se revezando até tentar encontrar com algum outro meio de transporte que seja uma carroça/charrete de burro ou que seja até mesmo algum carro que poderia vim encontrar pelo menos na metade da estrada, ia na rede por dois motivos: um porque a dificuldades das estradas eram muito grande, quase não tinha trânsito de carro, a estrada era muito ruim; e outra porque muitas vezes não tinha transporte nem por parte do município e nem esse atendimento igual da SESAI que hoje tem. Então, por esse motivo, já aconteceu aqui na nossa aldeia algumas pessoas ter que passar por isso né, a pessoa ter que ser transportada na rede.

Na nossa comunidade, por motivo das estradas serem muitos ruins, muitas precárias na época de o pessoal ir até metade das estradas já aconteceu de terem que trazer pessoas que faleceu na mão mesmo, nos braços das pessoas que estavam os levando né. Minha mãe também fala que já aconteceu que pessoas da nossa comunidade aqui assim que logo que teve o parto, teve bebe, logo, logo, no mesmo ou no outro dia a mulher que teve a criança veio embora para a casa a pé, e ainda teve relatos de algumas pessoas que teve o parto cesariana e veio a pé pelo o motivo da falta de um meio de transporte né, por falta de um carro, ambulância, então já aconteceu isso também. Minha mãe fala também que as vezes muitas dessas mulheres quando ganhava as crianças nas cidades quando elas não vinha a pé, elas vinha de charrete de burro. Então, esse trajeto de charrete ou a pé era de 09 a 10 quilômetros, isso falando aqui da minha aldeia Prata para Missões, e isso já aconteceu, agora imagina de outras aldeias que são mais longes.

Quando passou a ter os atendimentos pela SESAI, que teve os primeiros agentes de saúde do Xakriabá, minha mãe, ela que foi agente de saúde muito tempo, hoje ela não tem condições mais de trabalhar de agente, ela fala que quando ela trabalhava muitas das reuniões que tinha na aldeia Sede, ela fala que já foi várias vezes até aproximadamente o trajeto aqui é de 8 quilômetros mais ou menos até a aldeia Sede. Depois com o tempo que utilizou bastante o animal, cavalo, para ir para as reuniões, de vez enquanto tinha as capacitação do pessoal da saúde lá também, né. Ela fala que alguns agentes de saúde das regiões mais próximas da Sede ia a pé e aqueles de mais longes ia a cavalo, podemos ver que os animais foi bem usados como

meios de locomoção tanto para as pessoas ir para as reuniões como nas capacitações dos agentes de saúde que usou bastante esses meios de transportes.

Hoje, como que está né, hoje graças a Deus a gente tem um atendimento pela SESAI, ainda não está de acordo com o que o nosso povo quer e precisa, mas a gente pode dizer que melhorou bastante, as mães que ganham suas crianças nos hospitais, já vem diretamente dos hospitais de carro até a aldeia, até suas casas hoje utilizando esses meios de transportes da SESAI, e também algumas comunidades já têm carros de plantão a noite. Então, quando é preciso, quando Deus livra, arruína uma pessoa a noite ou que seja durante o dia, algumas comunidades já tem o transporte para poder levar pros médicos, e também tem aldeia que já tem até mesmo o atendimento pelo município, então melhorou bastante né.

Ednaldo: Hoje como que está a questão dos agentes de saúde, como que eles estão indo para suas capacitações?

Naldim: Hoje os agentes de saúde, a maioria deles usam a moto e carro, hoje a gente percebe que já teve uma mudança muito grande em termos assim de meios de transportes que aqueles primeiros agentes de saúde quando deu início na época usavam para o agora. Então, podemos ver que houve uma evolução muito grande em relação aos meios de transportes na saúde.

6 SOBRE AS ENTREVISTAS E AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da minha pesquisa, fiquei em dúvida do que eu poderia pesquisar, fiquei sem saber por onde poderia começar, mas logo na primeira entrevista eu já pude perceber que esse trabalho muito poderia me render, e que várias coisas, nem todas elas eu não iria conseguir fazer. Eu fiquei impressionado muito além do que imaginei, sei que as minhas expectativas dessa vez eu superei.

Nas descrições de *Domingos Ferreira*, ele traz vários relatos interessantes, um pouco de suas falas eu vou falar nesse instante.

Quando ele fala das idas das pessoas nas cidades antigamente, ele fala de uma forma mais resumida, fala dos meios de transporte que eram usados como "os meios de vida" porque era necessário ir às cidades comprar aquilo que aqui não tinha, um desses era os alimentos como o óleo que "aqui quase não existia".

Dos acidentes antigamente, um pouco vou falar, "as vezes nem tinha condições de ir na cidade curar", quando quebrava um braço ou perna as pessoas mais experiente amarrava uma taleta para poder encanar. Esse trecho não é fácil, pode crer, infelizmente por motivos de saúde, um filho antigamente ele teve que perder, por infelizmente não ter carros disponíveis para o socorro poder fazer.

Transportando pessoas, transportando alimentos, isso já foi mudando ao decorrer do tempo, em um período como motorista, levando pessoas para Missões e depois trazendo de volta para toda nossas regiões, em alguns lugares do território onde o caminhão não podia passar "a gente levava até nas costas" para o alimento até a casa chegar.

Ele transportou merenda para várias escolas, imagina os momentos de luta que ele traz em suas memórias. Muitas vezes, devido às estradas um sofrimento tinha que passar, principalmente quando o caminhão atolava em algum lugar, o bom é que em alguns momentos tinham pessoas dispostas para poder o ajudar.

Como motorista de ambulância, é possível perceber que esse não foi um trabalho fácil, o motivo vou te dizer, como era motorista único, várias viagens tinha que fazer. Várias viagens até no mesmo dia, viajando até com sono, olha só como sofria, o serviço era bom, porém um pouco complicado, pelas estradas serem ruins e longe, dessa forma ele ficava cansado.

Ajudou muita gente, até parto ele teve que fazer devido ao fato da pessoa não conseguir chega ao hospital, seu filho na ambulância teve que nascer.

Na entrevista com tio *Francisco*, ao passado eu pude voltar, devido aos seus relatos que ele conseguiu lembrar, de como eram os meios de se locomover aqui no território Xakriabá.

A sua relação com os meios de transporte era simples, trabalhar com o carro de boi com o seu pai ele pôde aprender, nas tarefas do dia a dia que era necessário para sobreviver. Andar antigamente, ele fala que tinha muito mais segurança, ele ia nas cidades apenas com aquela grande esperança. Esperança eu vou te dizer, de voltar com algumas ferramentas e com os alimentos para sua família poder comer.

Hoje em dia, ele já fala que muita coisa mudou, apareceu carros a gasolina, mas a segurança só piorou, mudou para pior "hoje tem muito mais malandragem", não temos mais segurança para poder ir nas cidades, muitas vezes ficamos impossibilitado de resolver nossas necessidades. As pessoas viajam com medo, medo de serem roubados, não é fácil perder um veículo que com muito suor foi conquistado.

Na labuta para sobreviver, o nosso território por mudanças tinha que passar, precisava de outras coisas que não tinha no Xakriabá. Com isso, foi fazendo as estradas para pelo menos os carros de boi e animais poder passar.

Aqui nas roças das aldeias, as pessoas conseguiam plantar, e esses alimentos também serviam para em outras coisas nas cidades poder trocar, trocava em outros alimentos e em ferramentas para poder trabalhar.

As primeiras estradas que foram feitas teve início no Sapé e passou aqui pelo Sumaré, seguiu rumo a Januária que nem um pouco perto é. Na época que ele ajudou foi uma grande batalha, era João Maduro, Vicente Lopes, João Canabrava e várias outras pessoas que os nomes ele não lembrava.

Falando em Januária, ele fala de como aquele tempo tinha muito que se esforçar, tinha algumas pessoas que a pé "50 a 60 porcos" até Januária tocando tinha que levar, era porcos gordos, nas estradas tinha que parar, para água poder beber e a noite descansar, muitos não aguentavam e na estrada mesmo tinha que matar.

Falando de saúde, muitas vezes às cidades tinha que recorrer, mas muitas vezes até médico lá faltava para poder atender, as pessoas procurava mais os farmacêuticos que poderiam os atender, vendendo seus medicamentos e as pessoas poder socorrer. Nem sempre era necessário isso, aqui também tinha muito curador, curava as pessoas com suas experiências, com cuidado e com amor.

Na entrevista com *Zé de Olímpio*, como nas outras eu conseguir perceber o quanto é muito importante entrevista com os mais velhos fazer.

Em suas falas, ele traz relatos de como um acidente ocorreu, acidente que tiveram vários feridos e até algumas pessoas infelizmente morreu. Pessoas do território que nas lembranças ficou, acidente marcante lembranças boas não deixou.

Ele tinha o costume de as vezes às cidades ir, nesse dia ele estava indo de bicicleta para Itacarambi. Em Itacarambi, ele muitas vezes ia para as coisas resolver, tanto como cuidar da saúde, comprar alimentos para se manter.

No dia do acidente, muita coisa aconteceu e uma delas, principalmente, foi o grande milagres de Deus, uma mulher com uma criança no colo também sobreviveu. A criança estava no colo da mãe sem ninguém imaginar que algum tempo depois essa situação iria passar, foi arremessada da caminhonete no colo de uma outra mulher ela foi parar.

O socorro não foi fácil, de baixo da caminhonete algumas pessoas ficou, só depois que Demir de moto chegou, com um facão ele pode ajudar, cortou uma madeira para servir de alavanca para pessoas de baixo do carro poder tirar.

Ele fala de como era os meios de transporte e as mudanças que ocorreu, fala da bicicleta que primeiro apareceu. Só para você imaginar, ele saia do Sumaré entre 05:00 e 06:00 horas e só entre 10:00 e 11:00 horas em Itacarambi ia chegar, essa foi uma grande labuta do povo Xakriabá, faltava transporte e estradas para poder se transitar.

É impressionante ver tantas história que *Naldin* conseguiu relembrar, tanto dos meios de se locomover da educação e do esporte Xakriabá e principalmente da saúde indígena que não devemos deixar de falar, de como era tão complicado da saúde cuidar.

Falando sobre a educação no território Xakriabá, na entrevista com Naldin, os seus relatos ele pode falar, de como era os meios de se locomover para a educação procurar. Sobre

a educação, ele fala de como tudo começou, desde os primeiros professores do Rio Doce onde conseguimos mais valor, de termos professores indígenas trabalhando com mais amor. As pessoas saíam de suas aldeias de várias formas diferentes, andavam a pé ou a cavalo dependendo muito da sua região, tinha aldeias muito longes e as outras não. Aquelas mais perto, ficava mais fácil para poder ir e voltar, muitas vezes nem era necessário um animal para montar.

Ele fala de como era antigamente e como as coisas melhorou, se antes era apenas uma secretaria hoje o número já aumentou, existem aproximadamente dez secretárias olha só como mudou.

Em relação os meios de transporte no esporte, ele fala resumidamente de como era os meios de transporte naquela época antigamente. Fala que todos iam a pé quando o futebol em outro lugar jogar, depois com o tempo que os animais passaram a usar, e aqueles que não tinha o animal seus colegas fazia questão de levar. Se antes ao redor do campo os animais ficavam amarrados, hoje mudou muita coisa, hoje tudo está mudado, as pessoas já utilizam suas próprias motos e seus próprios carros, andam pouco a pé e muitos já se sentem cansados.

Para o meu povo Xakriabá este trabalho é muito fundamental, pois fala das andanças pelo território em geral, nesta pesquisa as informações de alguns mais velhos de como era antigamente eu conseguir registrar. Os mais velhos um dia vão, infelizmente não estarão mais aqui para essas histórias do nosso povo poder nos contar. Como nos diz SMITH (2018), “A história e seu contador servem ambos para conectar o passado com o futuro, uma geração com outra, a terra com o povo e o povo com a história” (SMITH, 2018, p. 168).

Com a realização desse trabalho eu passei a ter uma visão mais ampla, completa dessas informações para futuramente poder contar para as crianças. Muitos desses conhecimentos muitos dos mais jovens como eu pode ser que não teve a oportunidade de conhecer, diante disso pesquisei os entrevistados para histórias e relatos de memórias vivenciados fazer parte do meu TCC, com isso o nosso povo poderá ter acesso a tudo isso usando apenas um celular, notebook ou PC.

Ao falar sobre o que mudou nas estradas surgem vários pontos na cabeça, pontos esses que os mais velhos dificilmente esqueçam, ao conversar com os mais velhos muitas coisas eu passei a conhecer de como os meios de transportes eram importantes para o povo Xakriabá sobreviver. Antigamente as estradas e carreiros eram apenas para animais como os cavalos e

carros de bois poderem passar, naquele tempo era muito difícil meios de transportes movidos a motor em nosso território andar.

Ao decorrer dos anos as coisas foram mudando, mudou as necessidades e algumas coisas foram melhorando surgiu alguns fazendeiros que com seus carros foram chegando e com isso as primeiras estradas no Xakriabá através das forças dos braços foram se criando. Teve início com as forças dos braços as estradas Xakriabá, mas diante de vários outros motivos tudo isso tinha que mudar. Foi surgindo da mesma forma as máquinas para as estradas poder fazer, só assim dessa maneira os carros e motos no território Xakriabá passaram a se locomover.

Diante das mudanças tanto nas estradas como nos meios de transportes, a vida dos Xakriabá muita coisa mudou. Teve mudanças positivas e muitas delas que infelizmente não nos agradou. Falando das coisas boas no modo de vida foi diante da precisão de, por exemplo, cuidar da saúde e de outras necessidades nas cidades.

Uma das coisas negativas foram a poluição, pequenos desmatamentos e não devemos deixar de lembrar que com essas mudanças perdemos também muitos de nossos irmãos. Infelizmente ao decorrer do meu trabalho, muito mais eu passei a perceber que os acidentes no território só haviam aumentando, isso é triste pra valer. Ao falar dos acidentes de moto, dois de nossos irmãos indígenas Deus com ele teve que levar, esse meio de transporte é muito importante, mas com eles muito cuidados devemos tomar, os acidentes no geral, muito no Xakriabá aumentou, será se foi devido o surgimento desses novos veículos, excesso de bebidas ou das estradas que algumas delas mudou.

No decorrer do trabalho, pouco a pouco eu pude perceber que poderia ter abordado vários outros pontos devido a amplitude do meu tema de TCC, um desses outros pontos é sobre a água no território Xakriabá, de como era antigamente e suas mudanças de lá para cá, pois em alguns conversas aleatórias, com alguns mais velhos, um pouco eu pude escutar, antigamente os mais velhos iam nas nascentes de cavalo ou burro, para água poder buscar, e hoje em dia já tem os caminhões pipas que facilitou água naqueles lugares que infelizmente ainda tem o costume de faltar. Então, deixo algumas ideias para poder continuar ...

PARA NÃO FINALIZAR ...

Ednaldo Moreira Silva

No início desse trabalho, eu tinha um pensamento um pouco diferente, não imaginaria que esse trabalho poderia ser tão potente.

De acordo com as entrevistas, vários pontos diferentes foram apresentados com isso, fui percebendo que tudo estava indo além do que eu tinha imaginado.

De acordo com tudo isso, eu fiquei muito impressionado, ainda mais de poder saber que as minhas orientadoras desses resultados havia gostado.

Eu finalizo por aqui, essas foram minhas contribuições, espero que novas turmas do FIEI nesse trabalho possa ter continuação.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Erick Correa de; SANTOS, Marilene de Oliveira. **Casa de cultura Xakriabá:** lugar de conhecimento, cultura, memória e história. 2019. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CRUZ, Alípio Ferreira da. **A carpintaria Xakriabá:** proposta para manter a tradição da carpintaria Xakriabá. 2018. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

OLIVEIRA, Maiane Gonçalves de. **Um percurso em rimas:** histórias do futebol no território indígena Xakriabá. 2018. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

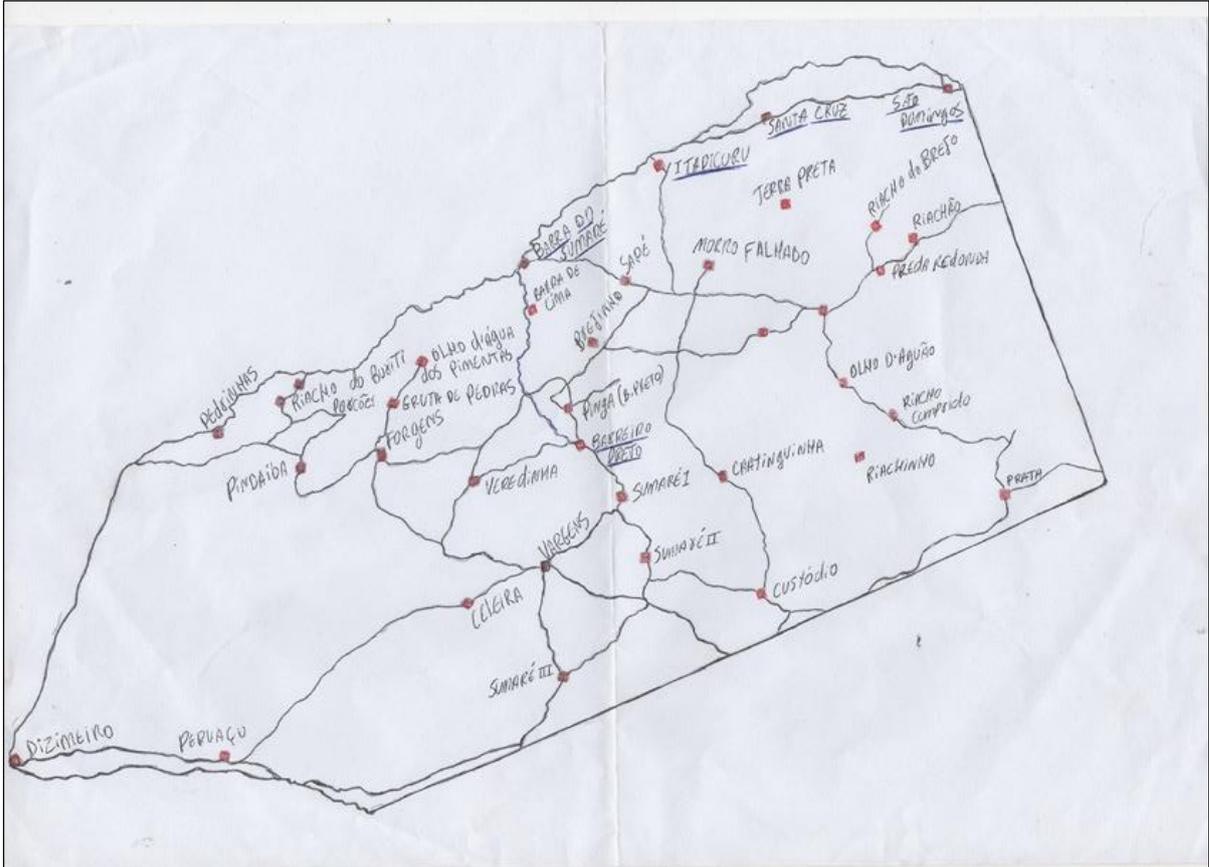
SILVA, Manoel Antônio de Oliveira. **“A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”:** a história da língua Akwen do Povo Xakriabá. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Trad. Barbosa, Roberto G. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOUSA, Abedias Pereira de. **Mudanças na vida e na cultura do povo Xakriabá:** das alterações econômicas e climáticas. 2018. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

APÊNDICE I

Figura 22 : Mapa do território Xakriabá



Fonte: Produzido para a pesquisa por Vanderlei Moreira Silva, 2022.